

RUBEM
BRAGA

A terra treme no Chile

M 424
CM 8.5.55
DN 9.7.65
RN 19
Aide Li (trecho)

ESTA o Chile no luto e na aflição: a terra treme de Santiago a Temuco, e em muitos pontos do litoral sul o mar arreventou os portos e tragou pessoas.

Um telegrama conta que nessas noites de pânico, em que o povo abandonou muitas cidades e aldeias, a chuva incessante e fria aumentou a tristeza e o desconforto. O Norte do Chile, como o Sul do Peru, tem regiões áridas em que se passam anos sem uma só carga de chuva; mas o Sul do Chile é uma das zonas mais chuvosas do mundo. Pablo Neruda, filho de Temuco, me falou mais de uma vez das intermináveis chuvas de sua cidade natal, que não cheguei a conhecer. E sobre isso escreveu uma bela página de prosa:

“As goteiras foram o piano de minha infância. Meu pai sempre falava em comprar um piano que, além de permitir que minhas tias tocassem minha adorada valsa “Sobre as Ondas”, daria à nossa família êsse título inexprimivelmente distinto que vem da frase: “Eles têm piano.”

Meu pai, nos momentos em que o deixava livre sua vida de mobilidade perpétua, porque era chefe de trem, chegava até a medir as portas por onde deveria passar aquêlo piano que não chegou nunca.

Mas o grande piano das goteiras durava todo o inverno. Logo às primeiras chuvas revelavam-se novas goteiras, de voz doce, que acompanhavam as antigas. Minha mãe espalhava bacias, vasos, jarras, latas. Cada um dava um som diferente; a cada um dêsses vasilhames chegava do céu tempestuoso uma diferente mensagem, e eu distinguia o som claro de uma bacia de ferro esmaltado de lavatório do som opaco e amargo de um velho balde amolgado.

Esta foi quase tôda a música, êste foi o piano de minha infância — e suas notas, suas goteiras, me acompanharam aonde me tocou viver, caindo sobre o meu coração e a minha poesia.”

Mas foi ao relento que milhares de pessoas tiveram de suportar a chuva esta semana, fugindo ao perigo dos desabamentos.

Morei alguns meses em Santiago, e meu pensamento se volta para os amigos que deixei lá, e fica ao lado dêles nesta hora de consternação.

Mas a permanente ameaça de terremoto — os simples “temblores” são quase diários — às vêzes me pareceu ter uma influência salutar sobre o caráter do povo. É um lembrete permanente de humildade. Talvez seja bem que os homens não se sintam muito seguros sobre a terra, e que o proprietário do imóvel possa desconfiar que êle não é tão imóvel assim. Talvez isso dê mais amor à vida e mais sabor à aventura cotidiana.

A natureza tem outros meios para nos advertir de sua fôrça, como o raio e a tromba-d'água; mas são demônios do céu que nos atacam. E o homem é fundamentalmente um bicho da terra; é na terra que êle se abriga e confia; só o terremoto lhe rouba essa segurança básica, elementar, instintiva.

Não sei que influência terá o terremoto sobre o caráter chileno; sei que muitos poderosos de nossa terra ficariam mais simpáticos e propensos à filosofia se o nosso bom Atlântico fizesse uma excursão até Barata Ribeiro e o velho Pão de Açúcar desmoralizasse com alguns estremeções nervosas aquêlo antigo “slogan” de propaganda comercial baseado em sua firmeza.

Houve um tempo em que a idéia de Deus bastava para tornar humilde ou, pelo menos, humano o poderoso; hoje seus pesadelos são apenas o comunismo, o enfarte e o câncer, mas êle já se acostumou a pensar que essas coisas só acontecem aos outros. O terremoto ameaça a terra com seus bens, e a própria vida; sua ameaça só pode tornar as pessoas mais amantes da vida e mais conscientes de sua fragilidade.

E isso talvez faça bem.

424 - 4. 6. 60